



IX Simpósio Nacional de História Cultural
Culturas – Artes – Políticas: Utopias e distopias do mundo contemporâneo
1968 – 50 ANOS DEPOIS
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT
Cuiabá – MT
26 a 30 de Novembro de 2018

**JEAN-PAUL SARTRE, A REVISTA *LES TEMPS MODERNES* E O
TERCEIRO MUNDO (1945-2016)**

Rodrigo Davi Almeida¹

Fundada logo após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e dirigida pelo prestigioso e já consagrado grupo existencialista de filósofos e escritores de Saint-Germain-de-Prés, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Maurice Merleau-Ponty, a revista *Les Temps modernes* (TM) objetivava, como afirma o texto de sua apresentação, “posicionar-se nos eventos políticos e sociais de sua época no sentido de produzir determinadas mudanças na condição social do homem e na concepção que ele tem de si mesmo.”² Em pouco tempo, TM constituíram-se como privilegiado observatório mundial das publicações da intelectualidade de esquerda dedicada ao estudo crítico de temas e problemas contemporâneos da literatura, da filosofia, da história e da política.

Neste estudo, no entanto, trata-se de estabelecer as posições políticas de TM sobre o Terceiro Mundo, de outubro de 1945 a 2016, data limite da pesquisa, tendo como suporte, essencialmente, os seus editoriais e dossiês temáticos. A principal hipótese de

¹ Professor do Departamento de História. Este artigo é parte dos resultados de minha pesquisa de pós-doutoramento realizada na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* – EHESS/Paris, entre junho de 2016 e maio de 2017, sob a supervisão de Michael Löwy – CNRS/EHESS, com financiamento da Capes – Bolsa de Estágio Pós-doutoral no Exterior.

² SARTRE, Jean-Paul. “Présentation”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 1, p. 7, oct. 1945.

trabalho considera que as posições políticas de TM sobre o Terceiro Mundo têm um fundamento histórico e social³, o que explica sua evolução político-editorial.

Nessa esteira, podemos distinguir duas fases qualitativamente distintas (“unidade contraditória”) na história político-editorial da revista. A primeira corresponde à trajetória de Sartre e, historicamente, com o processo de descolonização, a emergência do Terceiro Mundo e as expectativas da revolução social tri-continental. Assim, na “era Sartre” (1945-1980), TM passam a se interessar fortemente pelo Terceiro Mundo que orienta o conjunto de suas posições sobre a revolução, a “teoria da violência” e a esquerda.

A segunda fase corresponde à direção assumida por Claude Lanzmann, após a morte de Sartre e, do ponto de vista do contexto histórico, com o fim do terceiro mundismo, a crise do “socialismo real” e o avanço neoliberal. Eis, portanto, o “período lanzmanniano” (1980-2016) durante o qual uma mudança na periodicidade da publicação da revista terá um impacto decisivo. Anteriormente mensal, os seus números serão bimestrais e/ou trimestrais. Na prática, isso significa que ela se torna incapaz de registrar e, sobretudo, de se posicionar sobre os mais diversificados acontecimentos e problemas do Terceiro Mundo no momento em que eles se manifestam. Sendo assim, o periódico adota outra linha político-editorial que abandona suas características originais e contradiz os objetivos inicialmente projetados por Sartre e pelo seu núcleo diretor.

A “era Sartre”, do ponto de vista do contexto histórico, corresponde à “época de ouro” do capitalismo em seus “trinta anos gloriosos”, às várias experiências do socialismo, ao processo de libertação colonial, à emergência do Terceiro Mundo e às expectativas de revolução social das quais ele é portador.

Do ponto de vista político, a “revista de Sartre” pode ser caracterizada como *revista intelectual de esquerda libertária*. Em outras palavras, TM nunca se vincularam a nenhum partido e nem se especializou em nenhuma área do conhecimento. Situada no espectro político da esquerda, não era socialista (reformista) e nem comunista (stalinista), tampouco trotskista (“Nós nunca fomos nem trotskistas, nem comunistas e, precisamente, a questão do exercício da violência é uma das que nos desviam. Não tendo jamais aderido ao bolchevismo nem ao stalinismo).”⁴ Também não era maoísta, como afirma Juliette

³ GOLDMANN, Lucien. *Structures Mentales et Création Culturelle*. Paris: Anthropos, 1970, p. 219, *apud* LÖWY, Michael; NAÏR, Sami. *Lucien Goldmann ou a dialética da totalidade*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008, p. 82.

⁴ “L’adversaire est complice”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 57, juil. 1950, p. 5.

Simont.⁵ Mas TM eram adeptos da revolução socialista e da democracia libertária cujos objetivos eram “transformar as relações humanas e em particular de liberar a política mundial da guerra dos processos e dos interesses que a precipitam na guerra.”⁶

No que concerne ao Terceiro Mundo e ao socialismo, a “era Sartre” de TM caracteriza-se pelo seu protagonismo na luta anticolonial, pelo seu terceiro mundismo, isto é, pelas expectativas e “aposta” na revolução do Terceiro Mundo, e na defesa da União Soviética enquanto “pátria do socialismo”. Do ponto de vista editorial, sua publicação era mensal e prevalecia a unidade e coesão no seio do comitê de redação. Engajados e propositivos, os editoriais versavam sobre os principais temas e problemas diretamente relacionados ao Terceiro Mundo: as lutas anticolonial e anti-imperialista, o terceiro mundismo, a revolução, dentre outros.

TM se engajam na luta anticolonial ao desempenhar um importante papel de informação junto à opinião pública francesa no que concerne ao combate aos mitos coloniais da “assimilação”, do “protetorado”, da “Argélia francesa”, da “reforma do colonialismo” e o da “pacificação”. Segundo TM, todos esses mitos foram fabricados pelo governo e pelos políticos franceses, sendo difundidos largamente pela imprensa. Nessa esteira, e em vários editoriais, TM procuram desconstruí-los.

As posições políticas de TM sobre a Guerra da Indochina (1946-1954) são o germe de seu futuro terceiro mundismo que se alinhará com as teses de Frantz Fanon (1925-1961), de Patrice Lumumba (1925-1961) e de Fidel Castro (1926-2016). De acordo com as teses terceiro mundistas, a revolução mundial seria protagonizada pelos camponeses dos países do Terceiro Mundo. Esse posicionamento se opõe frontalmente às “teses marxistas clássicas”, por exemplo, representadas por Claude Lefort (1924-2010), contra o qual TM estabelecem um intenso debate.

De acordo com a visão “marxista clássica”, a revolução seria protagonizada pelo proletariado, tanto o do “centro” quanto o da “periferia”. Mas para TM, a revolução já começava na “periferia”, isto é, nas colônias e no Terceiro Mundo, sendo protagonizada pelos camponeses. Era o que parecia ocorrer no processo de descolonização indochinês, objeto das primeiras análises de TM sobre o problema colonial. Assim, TM afirmam:

⁵ “Sur Les Temps modernes et les années 68”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 684-685, juil.-oct. 2015.

⁶ DZÉLEPY, E.-N. “Les ‘démocraties’ en action”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 48, oct. 1949.

Lefort mostra que a ação de classe do proletariado indochinês, apesar de sua fraqueza numérica, é o único capaz de obter um destino melhor para os camponeses e de resolver o problema colonial. (...) A tática somente diz respeito à história real e nesse sentido todos os problemas são táticos. Mais exatamente, a estratégia é a combinação de várias ações táticas simultâneas ou consecutivas. Se no momento em que a questão da Indochina se colocou houvesse na França ou nos países colonizadores sinais de um despertar proletário, a tese de Lefort se sustentaria. Ela supõe um contexto mundial que está bem longe de ser dado. Também ele acaba por convir que um compromisso poderia ser necessário na Indochina e que a estratégia ofensiva do marxismo admite em certos momentos uma tática defensiva.⁷

No editorial de onde provém a passagem acima, resumidamente, TM criticam, em relação à Guerra da Indochina: a posição anticomunista (a mais frágil de todas); a posição comunista-stalinista (alinhada à da União Soviética, a do abandono da revolução em nome da “prudência e do compromisso”); a posição clássica marxista (encarnada na posição de Lefort, que sustenta que a revolução deve ser conduzida pelo proletariado indochinês) e a posição liberal (a visão típica de um soldado francês, a favor da guerra), dentre outras.

No editorial “Vessies et lanternes”⁸, pela primeira vez, TM utilizam a definição de neocolonialismo. TM começam a pensar a Argélia face à nova forma de dominação colonial que, na África negra, colocava uma pseudo-burguesia no lugar da antiga burguesia colonial⁹. Por sua vez, as expressões Terceiro Mundo e a ideia de terceiro mundismo como movimento revolucionário tricontinental aparecem num editorial de TM somente em março de 1963: “Une tempête dans un verre d’eau”.¹⁰

Ainda nesse editorial, TM afirmam que a independência da Argélia deveria ser acompanhada de mudanças efetivas nas relações com a França afim de bloquear o neocolonialismo. A revista estabelece objetivos para a esquerda que a definem no plano internacional. Mas que também deveria marcar a sua diferença em relação à política gaullista, à esquerda comunista e não comunista e, por fim, face aos radicais: o

⁷ “Indochine S.O.S.”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 18, p. 1049, mars 1947.

⁸ *Les Temps modernes*. Paris, n. 192, mai 1962.

⁹ “Demain comme hier”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 194, juil. 1962.

¹⁰ *Les Temps modernes*. Paris, n. 202, mars 1963.

neutralismo verdadeiro (na Europa desnuclearizada), a confederação de dois Estados Alemães e o apoio de todos movimentos revolucionários do Terceiro Mundo.¹¹

Sobre a Guerra do Vietnã (1954-1975), TM se destacam como uma das primeiras revistas a publicar a declaração de intelectuais japoneses contrários aos Estados Unidos da América¹², o que indica o seu reconhecimento internacional como importante organismo de divulgação de manifestos e petições, particularmente, sobre o Terceiro Mundo. Outra publicação de TM tem o mesmo objetivo com a entrevista de Eric Wolf, professor de Antropologia da Universidade de Ann-Arbor (Michigan): apoiar os intelectuais americanos contrários à Guerra do Vietnã.¹³

O editorial “Capitulation ou Contra-escalade”¹⁴ é o primeiro editorial de TM contra a Guerra do Vietnã. Nele, TM analisam o imperialismo como estratégia global de dominação econômica e política dos Estados Unidos da América, claramente exposta na guerra. Mas TM endereçam uma crítica ao campo socialista – sempre dividido – que muito pouco fizera contra a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), a Guerra do Vietnã e os golpes militares patrocinados pelos norte-americanos.

Na esteira dessa ideia, TM analisam o golpe militar em Atenas (1967) apoiado pelos Estados Unidos da América como estratégia imperialista de dominação global contra a qual apenas uma esquerda forte, unida e revolucionária poderia impor sua resistência, ao contrário de lutar por reformas e eleições parlamentares. A revista convoca a esquerda e o campo socialistas europeus a reagirem contra o golpe, por ela caracterizado como fascista.¹⁵

Para TM, os Estados Unidos da América não fazem distinção entre “Terceiro Mundo” e “Europa” no momento de esmagar povos e impor seus interesses políticos e econômicos. Claramente, TM não isolam a luta pela liberdade do Terceiro Mundo da luta pela democracia socialista na Europa, ainda que depositem suas esperanças e as possibilidades revolucionárias apenas no Terceiro Mundo, pelo menos na “era Sartre”.

¹¹ “Une tempête dans un verre d’eau”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 202, p. 1541, mars 1963.

¹² “Les intellectuels japonais et la Guerre du Viet-nam”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 230, juil. 1965.

¹³ “Intellectuels américains contre la Guerre du Vietnam”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 235, déc. 1965.

¹⁴ *Les Temps modernes*. Paris, n. 243, août 1966.

¹⁵ “Le coup d’Athènes”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 252, mai 1967.

TM deram importante visibilidade aos acontecimentos políticos na América Latina, especialmente à Revolução Cubana (1959-1961). Para a revista, o continente e, particularmente, o Brasil, detinham um papel-chave face ao imperialismo americano: “É na América Latina que se decidirá o sucesso ou o fracasso do projeto imperialista dos Estados Unidos, não apenas nesse continente mas em outras regiões do mundo: se ele não conseguir tomar corpo na América Latina não conseguirá em nenhum outro lugar. Ora, o futuro da América Latina depende principalmente do que se passar no Brasil.”¹⁶

Relacionado ao “huracán sobre el azúcar”, isto é, Cuba, o “Appel de la Havane”¹⁷ é um típico manifesto terceiro mundista publicado na revista. O Congresso Tricontinental de Havana, realizado em 1966, deu grande impulso às conferências terceiro mundistas que já aconteciam desde Bandung, em 1955. A proposta de unidade e de engajamento dos intelectuais de esquerda do mundo todo era fundamental no combate aos imperialismos colonialista e neocolonialista. Os intelectuais de esquerda durante essas décadas realmente acreditavam em sua força política.

A apresentação do artigo de Fidel Castro “Où sont les avant-gardes?”¹⁸, por TM, reitera a entrada do terceiro mundismo na pauta das preocupações de TM. E não só. As ideias de Fidel apresentadas por TM convergem tanto para sua proposta terceiro mundista quanto para a sua crítica às esquerdas europeia e francesa: a necessidade do internacionalismo, a sua unidade e luta mundial contra o imperialismo, sem as quais, todo protesto e combate político tornar-se-iam inócuos.

Muito embora o terceiro mundismo já fizesse parte das posições políticas de TM, os acontecimentos de maio de 1968 parecem acenar com a chance da revolução socialista na Europa, expectativa há muito desgastada pela Guerra Fria. É o que a revista afirma no fragmento: “Nós sabemos doravante que a revolução socialista não é impossível em um país da Europa Ocidental, e talvez em dois ou três. Nós sabemos melhor o que poderia ser um processo revolucionário e quais condições, não reunidas durante a insurreição de maio, são necessárias ao seu sucesso”.¹⁹

¹⁶ “Le Brésil”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 257, p.1, oct. 1967.

¹⁷ *Les Temps modernes*. Paris, n. 261, fév. 1968.

¹⁸ *Les Temps modernes*. Paris, n. 262, mars 1968.

¹⁹ “Un commencement”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 264, mai-juin 1968.

A “era Lanzmann” (1980-2016) da revista, por sua vez, apresenta as seguintes características:

i) o arrefecimento e o declínio do engajamento e/ou o engajamento em causas específicas ou pontuais. Editorialmente, a mudança de periodicidade de publicação da revista é o principal argumento para a compreensão desse fato. A comissão editorial, após a morte de Sartre, discute se continua ou não com a publicação de TM. Uma vez decidida a continuação da publicação do periódico, a comissão reitera sua fidelidade a Sartre.²⁰ No entanto, a periodicidade da revista mudou, oficialmente, em meados dos anos 1990 e a sua capacidade de intervenção e engajamento também. A diversificação das suas seções diminuiu, do mesmo modo a sua área de atuação, cada vez mais limitada aos problemas literários e filosóficos. Em outras palavras, explicar a evolução política de TM em termos de “unidade contraditória” nos permite compreender a complexidade desta trajetória em dois momentos qualitativamente diferentes, isto é, o que corresponde à “era Sartre”, como vimos, e o que corresponde à “era Lanzmann”, como estamos vendo.

A passagem abaixo corrobora as ideias acima bem como explica as principais mudanças editoriais pelas quais TM passaram:

De mensal que ela era desde sua fundação, ela se torna bimestral. (...) Essa mudança (...) responde a vários imperativos: a) o tempo ganho nos permitirá aprofundar uma reflexão editorial que a publicação mensal tornava difícil ou aleatória; b) rubricas novas cobrindo mais amplamente o campo da cultura, do político e da vida cotidiana serão criados no mês seguinte; c) ao invés da diversidade de artigos que fez a originalidade de TM (...) nós articularemos uma certa quantidade de números em torno de um tema central previamente discutido no comitê de redação. (...) a modificação de nossa periodicidade permitirá à revista permanecer mais tempo nas prateleiras das livrarias. (...) Em se tratando do fundamental nossa linha não mudou (...) LTM continuam mais que nunca neste país um lugar de acolhida privilegiada, de debate, de combate para todos os que não se acomodam a consensos, à moda e pensam que a tarefa de desvelamento do mundo, que nunca deixamos de fazer como nossa, implica ao mesmo tempo, engajamento e resistência.²¹

Na prática, TM têm vários números trimestrais e essa mudança de periodicidade começa, de fato, pelo menos desde meados de 1980. TM detectaram um problema com a distribuição/atingimento do público. A mudança na periodicidade afeta o engajamento da

²⁰ “Les Temps Modernes continuent” . Paris, *Les Temps modernes*, n. 407, juin 1980.

²¹ LANZMANN, Claude. “Aux lecteurs”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 580, jan.-fév. 1995, p. 1-2, grifos do autor.

revista, sobretudo, tendo-se em vista que cada número bimestral será organizado em torno de um tema previamente estabelecido, portanto, independente dos eventos sociais ou políticos da ordem do dia;

ii) a diminuição quantitativa e qualitativamente de editoriais, em geral e, particularmente, sobre o Terceiro Mundo, podem ser facilmente constatadas. Muito embora a proposta inicial de TM enquanto “órgão de pesquisas” fosse realizar uma visão da totalidade da realidade humana, isto é, uma “antropologia sintética,”²² o número de editoriais diminui assim como a diversidade de artigos e de seções. O Terceiro Mundo, tema central na “era Sartre” e em torno do qual se constitui a identidade e linha político-editorial durante décadas, é cada vez menos estudado. Os dossiês e números especiais apresentados raramente são precedidos de editoriais. É o que acontece com o especial “Rwanda-Burundi (1994 – 1995): Les politiques de la haine”²³, com o dossiê sobre Fanon em que TM limitaram-se a fazer a apresentação da proposta por Jean Khalifa,²⁴ membro do comitê redacional.

A “Primavera árabe” mereceu apenas um “avant-propos”, de Laurent Jean-Pierre e Patrice Maniglier que organizaram o dossiê “Soulèvements arabes”.²⁵ Os eventos de junho de 2013 no Brasil tiveram um especial que só foi publicado em 2014.²⁶ O genocídio dos Tutsi, tendo um dossiê, também não obteve uma análise em profundidade da parte da diretora adjunta que o apresentou.²⁷

Os atentados de Paris de 2015, pensados no dossiê sobre o Islã, somente receberam uma singela apresentação. Nela, surpreendentemente, o Islã é estranhamente caracterizado como “barril de pólvora”.²⁸ Ao menos, TM assumiram sua ignorância no assunto e recorreram às contribuições dos intelectuais muçulmanos na compreensão da cultura islâmica contemporânea.

²² SARTRE, Jean-Paul. “Présentation”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 1, oct. 1945.

²³ *Les Temps modernes*. Paris, n. 583, juillet-août 1995.

²⁴ “Avant-propos. Pour Frantz Fanon”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 635-636, nov.-déc.-jan. 2005-2006.

²⁵ *Les Temps modernes*. Paris, n. 664, mai-juil, 2011.

²⁶ “Brésil 2013: L’année qui ne s’achève pas”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 678, avril-mai-juin 2014.

²⁷ “Le génocide des Tutsi, 1994-2014: Quelle histoire? Quelle mémoire?”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 680-681 oct.-nov.-déc. 2014.

²⁸ “Avant-propos. Dieu, l’Islam, l’État”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 683, avril-mai-juin 2015.

iii) o aumento do número de dossiês e especiais organizados e apresentados pelos colaboradores de TM. TM sempre apresentaram números especiais e dossiês, mas a tendência é delegar cada vez mais a organização e as apresentações aos seus colaboradores;

iv) rupturas no seio do comitê editorial com a publicação editoriais com posições políticas diferentes sobre o mesmo tema. Na “era Lanzmann”, pelo menos em dois momentos, os editoriais com posições distintas revelaram as divergências inconciliáveis entre os membros da equipe, ocasionando demissões: “La normalisation en soustraitance”, “La gauche schizophrène et la Pologne” e “La guerre a eu lieu”.²⁹

v) a luta anti-colonial e a crítica aos resultados do colonialismo. TM reiteram sua luta anti-colonialista acerca da questão da Nova Caledônia, em 1985, ao afirmar que permanecem fiéis à sua tradição anti-colonialista e de apoio às lutas populares. Desde 1982 ela afirmou sua solidariedade à luta do povo canaque pela sua independência. Ela entende continuar a fazê-lo:

Relembremos, portanto, uma evidência que o discurso dominante tenta cuidadosamente dissimular: a Nova Caledônia não cessou de 1853 (...) até hoje de viver uma situação colonial. Inicialmente massacrados depois deportados e submetidos ao estatuto de indigenato durante um século, espoliados em suas terras, os canaques são ainda hoje cidadãos de segunda categoria em seu próprio país. Território do Além-mar de direito mas colônia de fato. (...) A história recente indica claramente que por uma potência imperial só há duas saídas possíveis de uma situação colonial: a retirada ou a expulsão. (...) Nós julgamos legítima a afirmação do FLNKS [Front de Libération Nationale Kanak et Socialiste] acordo com o qual esta independência e esta soberania não são negociáveis.³⁰

Como se vê, o texto retoma a crítica de TM contra o “anacronismo das colônias”, que, no caso da Nova Caledônia, tem estatuto jurídico confuso e ambíguo até hoje.³¹

vi) a ruptura definitiva com a “pátria do socialismo” e o fim das expectativas revolucionárias. De fato, foi a invasão da Tchecoslováquia, em 1968, pela União Soviética, que marcou a ruptura de Sartre e da revista com a União Soviética. O editorial

²⁹ Respectivamente: *Les Temps modernes*, n. 426, jan. 1982 e LANZMANN, Claude Lanzmann, *Les Temps modernes*. Paris, n. 604, mai-juin-juillet 1999.

³⁰ “Vingt ans après”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 464, mars 1985, p.1584-1585”.

³¹ “Vingt ans après”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 464, mars 1985.

“Du sang froid”³² afirma que esse evento foi pior que os crimes stalinistas porque foram cometidos “à sangue frio”, isto é, na ausência completa de um perigo externo. A explicação de TM, portanto, repousa unicamente na degenerescência completa da causa do socialismo e no abandono da revolução. De acordo com TM, tanto mais odioso no caso tcheco é que se tratava de um socialismo de “tipo democrático”. No entanto, nem Sartre e nem TM haviam rompido com o socialismo. Em outras palavras, a crítica aos regimes políticos comunistas passava à distância da crítica à revolução socialista.

A “era Lanzmann”, por sua vez, marca a ruptura definitiva de TM face à “pátria do socialismo”. TM denunciam o regime comunista cambojano no editorial “Indochine: Guerre des socialismes mort des peuples”³³ mas, indubitavelmente, o que mais impressiona e causa estranheza é o teor e a natureza da crítica de TM à guerra soviética feita contra o Afeganistão.

No texto de apresentação do especial sobre o Afeganistão, TM são categóricas³⁴: a invasão do Afeganistão pela União Soviética destruiu as ilusões da esquerda. A revista estabelece uma analogia entre o Afeganistão e o Vietnã e a União Soviética e os Estados Unidos da América, mas sem diferenciar a natureza dos imperialismos soviético e americano. TM afirmam que a guerra imperialista no Afeganistão feita pela União Soviética é pior que a guerra imperialista americana feita no Vietnã!

A revista aponta os seguintes motivos: a União Soviética era a pátria do socialismo; a União Soviética se tornou imperialista com a mesma lógica de extermínio do imperialismo americano; a natureza da União Soviética e do “socialismo real” engendraram essa ordem de coisas; os afegãos “se prestam mal às projeções francesas” já que são “muçulmanos, fanáticos e atrasados”, ao contrário, por exemplo dos vietnamitas, já conhecidos pelos franceses; por tudo isso, é difícil – para a esquerda – considerá-los parceiros de um mesmo combate num mesmo objetivo e solidariedade.

Em suma, a posição de TM face à Guerra do Afeganistão (1979-1989) contradiz as ideias defendidas no editorial “L’adversaire est complice”³⁵, o que corrobora a ideia da “unidade contraditória” da evolução político-editorial da revista. Unidade conferida

³² *Les Temps modernes*. Paris, n. 266-267, août-sep. 1968.

³³ *Les Temps modernes*. Paris, n. 402, jan. 1980.

³⁴ “Présentation”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 408-409, juil.-août 1980.

³⁵ *Les Temps modernes*. Paris, n. 57, juil. 1950.

pelo engajamento na luta anti-colonial, no apoio e solidariedade para com os países do Terceiro Mundo em sua luta pela independência econômica e política. E contraditório por conta do abandono das perspectivas analíticas e propositivas dos editoriais que caracterizaram a “era Sartre”, a despeito da afirmação de que a revista, sob a “era Lanzmann”, “continuava a ser fiel” ao seu fundador.

No editorial “L’adversaire est complice”, portanto, ainda na “era Sartre”, TM se recusam a comparar União Soviética e Estados Unidos da América:

Nós nos recusamos duplamente a colocar a URSS e os EUA sob o mesmo denominador comum do imperialismo. (...) Nós justamente protestamos contra o gênero de paralelo entre os dois regimes que você parece nos emprestar e que supõe a ideologia dos “blocos” pois confunde na URSS os efeitos da planificação com os da burocracia, no sistema americano os atrativos da liberdade com o princípio da “livre empresa”.³⁶

Ou seja, TM se recusam a comparar a União Soviética e Estados Unidos da América e definir a União Soviética como potência imperialista pois essa “tese” confunde planificação com burocracia e liberdade com livre empresa. Parece, portanto, que TM almejassem uma opção entre União Soviética e Estados Unidos da América, o que seria concretizado com o Terceiro Mundo, o socialismo democrático e a autêntica liberdade. Observamos que TM apoiam a União Soviética enquanto “pátria do socialismo” e os efeitos (benéficos) da planificação da economia para a sociedade soviética, mas não seus campos de trabalho forçado e nem o burocratismo.

Enfim, a afirmação de TM ainda nos permite reforçar a hipótese de TM como *revista intelectual de esquerda libertária* porque objetivava incorporar as conquistas sociais do socialismo e os “atrativos da liberdade” americana, o que não deveria se confundir, conforme o periódico, com a livre empresa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DZÉLEPY, E.-N. “Les ‘démocraties’ en action”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 48, oct. 1949.

GOLDMANN, Lucien. *Structures Mentales et Création Culturelle*. Paris: Anthropos, 1970, p. 219, *apud* LÖWY, Michael; NAÏR, Sami. *Lucien Goldman ou a dialética da totalidade*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

³⁶ “L’adversaire est complice”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 57, juil. 1950, p. 9, grifos do editorial.

LANZMANN, Claude. “Aux lecteurs”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 580, jan.-fév. 1995, p. 1-2.

LANZMANN, Claude Lanzmann, *Les Temps modernes*. Paris, n. 604, mai-juin-juillet 1999.

SARTRE, Jean-Paul. “Présentation”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 1, oct. 1945.

Editoriais:

“Indochine S.O.S.”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 18, p. 1049, mars 1947.

“L’adversaire est complice”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 57, juil. 1950.

“Sur *Les Temps modernes* et les années 68”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 684-685, juil.-oct. 2015.

Les Temps modernes. Paris, n. 192, mai 1962.

“Demain comme hier”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 194, juil. 1962.

Les Temps modernes. Paris, n. 202, mars 1963.

“Une tempête dans un verre d’eau”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 202, mars 1963.

“Les intellectuels japonais et la Guerre du Viet-nam”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 230, juil. 1965.

“Intellectuels américains contre la Guerre du Vietnam”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 235, déc. 1965.

Les Temps modernes. Paris, n. 243, août 1966.

“Le coup d’Athènes”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 252, mai 1967.

“Le Brésil”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 257, oct. 1967.

Les Temps modernes. Paris, n. 261, fév. 1968.

Les Temps modernes. Paris, n. 262, mars 1968.

“Un commencement”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 264, mai-juin 1968.

Les Temps modernes. Paris, n. 266-267, août-sep. 1968.

Les Temps modernes. Paris, n. 402, jan. 1980.

“Présentation”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 408-409, juil.-août 1980.

“*Les Temps modernes* continuent” . Paris, *Les Temps modernes*, n. 407, juin 1980.

Les Temps modernes, n. 426, jan. 1982.

“Vingt ans après”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 464, mars 1985.

Les Temps modernes. Paris, n. 583, juillet-août 1995.

“Avant-propos. Pour Frantz Fanon”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 635-636, nov.-déc.-jan. 2005-2006.

Les Temps modernes. Paris, n. 664, mai-juil, 2011.

“Brésil 2013: L’année qui ne s’achève pas”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 678, avril-mai-juin 2014.

“Le génocide des Tutsi, 1994-2014: Quelle histoire? Quelle mémoire?”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 680-681 oct.-nov.-déc. 2014.

“Avant-propos. Dieu, l’Islam, l’État”, *Les Temps modernes*. Paris, n. 683, avril-mai-juin 2015.